

6450
B
N
A Ilustrada e Patriótica
- Redacção d' O País.
C. Sideraf.

A PENNA

ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO

REDACTOR—DURVAL CARVALHO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I

S. PAULO—Santos, 28 de Março de 1897

NUMERO I

EXPEDIENTE

Serie de 2 numeros (Cidade) 18000
Serie de 2 numeros (Fora) 18500

«A Penna» é propriedade de uma associação e publica-se quinzenalmente.

A PENNA

Estamos em pleno campo litterario. Desfraldemos a nossa bandeira, cerremos as nossas fileiras, que o combate no campo litterario não tardará em ser annuciado pelo clarim.

Cultivar as letras, provocar a manifestação de pequenas intelligencias para aperfeiçoal-as com o devido cultivo em proveito ao seu engrandecimento, cooperar no desenvolvimento progressivo das letras, lutar pelo direito e pela verdade, tendo por arma nesse glorioso combate, este nosso modestissimo periodico, intitulado «A Penna» que tem por alicerce a moral e por sustentaculo a nossa força de vontade, força essa, superior a todas as nossas forças.

Eis, pois, carissimos leitores, o nosso programma.

Pequenino e mui pequenino, embora, este nosso periodico jamais se recusará ás grandes luctas, somente, no glorioso campo litterario e religioso; e, guiado por uma Estrella que fulgura no seu bello horison'e com tão forte brilho marchará sempre, sobranceiramente crente de tornar-se para o futuro, quer pelo lado material, quer pelo lado moral: no primeiro caso, pela nossa força de vontade, no segundo, pela força do producto do nosso estudo, producto que felizmente ainda não se adquire com um punhado de cedulas do governo.

Desfraldada a nossa bandeira, cerradas as nossas fileiras, annuciado já o combate litterario, sondadas as nossas posições, aguardemos o movimento de quem nos tendo sondado pretende nos combatter.

Cultivemos as letras, não descrentes como Sapho que levou ás chamas a bibliotheca d' Alexandria, sim como Omar, o corajoso liuctador das letras.

O indio Guabiraba

TRADIÇÃO CEARENSE

A pequena Cidade de Maranguape, Estado do Ceará, demora no sopé da verdejante serraria desse nome.

E' cortada pelo cristallino riacho Pirapora—salto de peixe—cuja nascente perenne, denominada Rajada, está situada no ponto culminante daquella serra.

Foi ahi, nesse lugar pittoresco, que o indio chamado Maranguape edificou sua *taba*, acerçado de sua valente tribu, adestrada no manejo do arco e mil vezes victoriosa nos combates que travára para repellar a ambiciosa invasão das outras tribus.

Entre as mulheres que pertenciam a essa tribu, existia Caryné, bella cabocla, alta, esbelta, gorducha e cujo aspecto altivo auxiliado por um olhar singularmente poetico, captivava a maior parte dos indios, que acompanhavam o guerreiro Maranguape.

Caryné, ainda muito creança (*mitanga*) perdera seu pai, o caboclo Quixába, numa renhida peleja, travada na ponta da serra *Taquára*, com os indios da numerosa tribu que dominava o *Paracurú*.

Quando morreu Quixába, Caryné apenas contava vinte e quatro luas (*jacy*) e dahi em diante foi recolhida na morada (*oca*) de Maranguape, que se constituiu seu pai adoptivo.

Chegando ao estado de mulher feita, passou á cathogoria de confidente da esposa (*cunhá mendaçara*) de Maranguape, gosando da mais subida estima e respeito.

Caryné tinha o epitheto de *Potyra poranga* *eté* que quer dizer—mimosa flor.

Vestia uma tanga de pennas de *ardra*, sobrepostas n'um fino tecido de *tucum*, trabalhada caprichosamente pela mão do indio Parytú, caboclo ainda novo, musculoso, valente, destro, vigilante e dotado de indole generosa.

Trazia no pescoço um roçario (*moyra curúçã*) de dentes de onça e porco queixada (*tayatinga*) enfiados com admiravel perfeição.

Seu capacete era matizado de pennas de varias aves e passaros, porem talhado ao contrario do systema uzado.

Emfim, Caryné, trajando differentemente das outras indias e possuindo os mais bellos traços de formozura, era o alvo de admiração de toda aldeia.

Parytú, indio guerreiro, votava a Caryné o mais ardente amor (*jeaucupába*): porem temendo a rivalidade de seus companheiros e em signal de respeito á Maranguape occultava sua paixão.

Caryné presentindo o amor de Parytú, correspondia-lhe com olhares de immensa ternura, furtando-se porém, a qualquer entrevista para nunca ser surprehendida.

Assim viviam essas duas creaturas, amando-se com tão meiga sinceridade, sem comtudo nutrirer esperanças de uma completa felicidade (*mendaçaba*).

Decorridos alguns annos, morre Maranguape, o chefe da tribu.

Depois de feitas as iudispensaveis cerimonias para incubação do morto (*amby'ra*), assume o commando e chefia da aldeia o indio Guabiraba.

O novo chefe era um caboclo feio, baixo, cabeça achatada, beijudo (*tembé eñi*), olhar vesgo (*toroiô*), mal encarado (*cobacy*), valente, pratico na direcção dos combates, porem capaz das maiores perversidades.

(Continúa)

TAVIRA.

Na praia

A' CARLOS BEYRODT

São felizes!... Eil-os vagando serenamente pela praia alvejada pelo luar que distilla a luz pallida pelas nevoas do espaço e vem poisar de leve sobre a superficie tranquilla do mar.

A' pouca distancia uma falúa passa impellida pelo vento manso na direcção do norte; umas vozes misturadas n'um hymno de innocencia vão perdendo-se além,além, nas soldões do oceano.

A estrella da tarde reflecte nas aguas a sua luz dulcissima como osculando a natureza silente e desafiando o azul diaphano do céu—gase finissima—iluminada pelos astros que scintillam e pela lua de alabastro.

Que idyllio nababesco! que felicidade suprema a do jovem casal...

Mas, oh desgraça!... quando reconheci a bel-

la Loreley ao braço de um amante, não sei que sentimento apoderou-se do meu coração que se via n'aquelle instante escravo do orgulho. Tive forças porém, para poder dominal-o. A presença d'aquella mulher trazia-me umas recordações tristes e ao mesmo tempo agradaveis, pois tantos e tão longos dias passamos junctos, embriagando de delicias os nossos corações ardentes e cheios de uma vida que era apenas illuminada pelo sol brilhante da adolescencia.

Emfim tentei retirar-me sem que ella me visse.

Com a alma partida de tristeza voltei pela mesma praia lugubre e silenciosa, alvejada pelo luar que distillava ainda a sua luz pallida pelas nevoas do espaço e vinha poisar de leve sobre a superficie tranquilla do mar.

12,—3—97.

P. O. DE ALBUQUERQUE LIMA.

A LUVA

Is-me de novo a campo com o sr. Angelo de Souza.

Quisera calar a penna despresando esse nobre cavalheiro, em consequencia de suas duras phrases e de suas asperas pilherias, sinão grosseiras; mas, a minha dignidade exige vingança e a vingança que a minha dignidade exige não é usar das armas que sobejamente soube manejar o sr. Angelo, porque isto seria indigno para mim descendo á tanto, é,—erguer a mão e atirar a luva desafiando o sr. Angelo á vir contestar o que eu disse no meu pequeno estudo *A Mulher* e provar que *feminista* é errado e é palavra desconhecida, sob pena de ser qualificado, como um inconsciente vulgar.

Se vier assim, disposto á isso, porem, com linguagem de um moço de fina educação me encontrará sempre; ao contrario, ver-me-hei obrigado a despresal o para que seus novos habitos, como escriptor critico, não venhão me corromper a linguagem e nem afastar-me do caminho que tenho trilhado.

Em terreno sincero, com linguagem digna de ser apreciada, vencido, sr. Angelo, não me considerarei humilhado de dar-lhe a mão de amigo e de chamar-lhe Mestre, supplicando-lhe luz, porque foi para adquirir luz que acceitei a discussão: vencedor, terei a grandeza d'alma e a nobreza de sentimentos para despresar a palma da victoria, ante a sinceridade do meu vencido, e em um abraço fraternal finalisar a discussão.

E' este o campo de honra. Aceitae a luva e vinde á elle.

DURVAL CARVALHO.

A MÃO

Alva, ideal, macia e assetinada
A sua mão gentil era um brinquedo,
Deixando-a descahir, de leve e a medo,
Por sobre a trança escura e perfumada.

As vezes, sobre o collo reclinada,
Sustinha, sem saber, por entre os dedos,
Nem eu sei explicar este segredo,
A minh'alma captiva e enamorada.

Um dia, a vi pendida sobre o leito,
Enleada de amor nos fios bellos
Da madeixa subtil de seus cabellos.

Cingio-a com fervor sobre seu peito...
Assim pudesse eu nos meus desejos.
Cingil-a com um collar feito de beijos.

H.

A PENNA

N'uma scintillação de aperfeiçoamento pas-
sou um dia pelo cerebro de alguém a ideia
de aproveitar d'uma ave palmípede esse tu-
boso pennugento.

E esse aperfeiçoamento de grande alcance a
primeira vista insignificante, veio concorrer ex-
traordinariamente para o grande desenvolvi-
mento da litteratura e portanto da sabedoria das
nações.

Os traços trabalhosos e hieroglyphicos que
eram precisos gravar-se nos marmores dos mo-
numentos para eternisar-se um pensamento não
mais foram necessarios ante os predicaos gra-
phicos d'este natural instrumento que um lam-
pejo de genio apontou-nos a exploração.

O tempo, caminhando a par das evoluções
progressivas não parou ahí no aperfeiçoamento
da penna, e é assim que temol-a hoje talvez...
no mais alto grau da perfeição.

D'antes era uma ave, hoje é a industria que
nos fornece-a, em metal, e que della tira gran-
des proventos devido ao gasto que lhe faz o es-
pirito humano.

A penna é um complemento da imprensa por-
que d'ella foi a percussora e porque mutuamen-
te necessitam-se.

Tomando o titulo de *Penna*, este jornal se
bem que traçado em caracteres differentes
dos que della sahem não deixa em synthese de
exprimir a sua proveniencia.

Embora em lettra redonda, embora em fôrma
typographica, foi a penna que primeiro o tra-
çou, foi a penna que fez o seu *croquis*.

O leitor tem-n'a á mão e della pode servir-se
quando, impressionado por uma ideia artistica
ou litteraria quizer trazel-a a apreciação publica.

E' com estes fins que hoje sahe *A Penna*,
acolhemô-n'a com affeição e apoemo-n'a na ab-
negada trajectoria em proveito das novas intel-
ligencias e do futuro litterario d'esta mocidade
sedenta do saber.

Santos, -26-3 97.

POLIPINO.

Amor de Mulher

POR

DURVAL NESTOR DE CARVALHO

PROLOGO

Não tenho a devida illustração nem a neces-
saria pratica para, em linguagem romantica, de-
senvolver uma these que tem sido o escolho ou-
de naufragaram habeis escriptores e romancistas
consummados, o—Amor de Mulher—.

Crente na vossa justiça, que saberá julgar o
meu mesquinho pensamento, sem orientação al-
guma, pois além de não possuir o talento devi-
damente cultivado, a minha pouca idade não fa-
culta-me a verdadeira e essencial experiencia dos
conhecimentos sociais, apresento-vos, no emtan-
to, este meu trabalho litterario.

O VIAJANTE

Corria o mez de Janeiro de 1888.

Era uma noite triste e bem triste nas aproxi-
mações da cidade de S. Salvador. A tempestade
começava de modo a causar horror; os trovões
retumbavam no espaço, a chuva corria a cantá-
ros, os relâmpagos reluziam sobre aquellas pa-
ragens desertas, por onde seguia um mancebo
alto, lourô, de olhos azues, que apenas cortava
vinte annos, trajava a camponeza, tendo na cin-
tura um elegante punhal de prata. De momento
a momento um relâmpago illuminava a estrada,
seguido por um d'esses trovões tenebrosos, que
fazem fraquejar o viajante em campos inhabita-
veis, onde o abrigo para repouso torna-se im-
possivel. Samuel, era este o nome do desconhe-
cido que encaminhava-se para S. Salvador.

Uma vez alli, graças a Providencia ter appla-
cado a medonha tempestade, dirigiu-se ao largo
do Barbalho, onde domiciliava-se. O relógio de
S. Salvador batia 2 horas da manhã quando Sa-

muel entava em seu aposento, fatigado pelo cansaço da longa viagem que tinha effectuado, e sem receio algum poudo conciliar o somno desejado. Na manhã seguinte, depois de ter almoçado, Samuel dirigiu-se á rua da Barroquinha, onde residia um seu intimo amigo, cujo nome era Augusto. Entre estes dous jovens existia uma amizade inquebrantavel; para aquellas duas almas não havia segredos alguns; a ausencia d'um produzia n'outro a mais cruciante das tristezas. Ambos eram empregados em uma casa commercial, gosando da maior estima e sympathia do seu patrão.

Augusto era um jovem alto, moreno, cabellos pretos, olhos castanhos, bigodes bastante crescidos, contava apenas 25 annos, e, pelo seu exemplar procedimento, captava a estima popular. Augusto achava-se escrevendo em sua banca, a serviço commercial, quando fôra surpreendido pela presença de seu idolatrado amigo, que, seguramente ha um anno, achava-se no sertão da Bahia effectuando cobranças. O leitor deve avaliar como aquellas duas almas cumprimentaram-se, pois as suas afeições eram nutridas desde a infancia.

(Continúa.)

A Guilhotina

Era a hora tristonha das saudades...
Entre os applausos vis da tyrannia,
Das espumas do odio—A Crueldade
Como a Venus da dôr negra surgia...
Contemplava-lhe a frente a poplaza
No baptismo do sangue e da desgraça,
Erguendo um sceptro de fulmineo aço
Sentada sobre um throno—o cadafalso—

Prophetiza das sembras eu vi-a altiva,
Entre o nobre rugir da multidão,
Erguendo a frente de horrorosa diva
Desprezando do mundo a maldição,
E tudo assassinava o Direito, a Razão;
Calcava aos pés pollutos os brios da Nação,
Cantando como um espectro orguido n'um penhasco
«Amante en son dos Reis e noiva do Carrasco.»

H.

Temos a enorme satisfação de avisar aos nossos amaveis leitores de que no proximo numero as nossas columnas serão honradas com a collaboração de algumas gentis senhoras o que ha-de portanto engrandecer-nos.

Alferes Cassio de Paiva e Souza

Tivemos o grato prazer de abraçar a este distincto moço, nosso collega no tirocinio escolar, e que de passagem por esta cidade junctamente com a officialidade do 3.º batalhão de artilheria de campanha, segue em direcção á Bahia.

Em signal de gratidão pela visita acompanhou-o até a bordo do *Santos* o nosso companheiro A. Serra. Ahi foi este nosso representante apresentado pelo alferes Cassio aos seus collegas, sendo então erguidos diversos brindes:—ao nosso companheiro, á breve appareição d'*A Penna* e um brinde de honra á memoria do bravo coronel Moreira Cezar.

Fazemos votos para que propicios ventos o levem e aos seus companheiros e gloriosamente os tragam aureolados pela victoria em prol da causa republicana.

"Amor de Mulher,"

Em outra parte deste nosso jornal principiamos a publicar com o titulo acima um pequeno romance do nosso chefe Durval Carvalho, quando ainda no começo de sua vida litteraria.

Para elle chamamos, pois, a attenção dos nossos amaveis leitores e carissimas leitoras.

AVISO

Vindo hoje a publicidade este nosso modestissimo periodico em pequeno formato, promettemos ao nossos leitores augmental-o conforme a sua accitação, não alterando o preço das assignaturas salvo si, motivos imperiosos forcarem-nos a isso.

Alguns dos nossos leitores não querendo honrar-nos, como nossos assignantes, queiram devolver o nosso periodico com maxima brevidade ao Escriptorio da Redacção á rua General Camara 106.

PAGAMENTO ADIANTADO

Rua Braz Cubas N. 3
TYPOGRAPHIA BRAZIL
SANTOS